

“O PARADIGMA DAS OPORTUNIDADES”: A CONVIVÊNCIA EM VERSOS NO CORDEL DO INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO

ALMAIR MORAIS DE SÁ*

Foi criado no Brasil, em 2004 – e regulamentado em 2006 – o Instituto Nacional do Semiárido (INSA) como Unidade de Pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Em dezembro de 2007 o INSA havia terminado de organizar em material impresso o seu primeiro plano diretor, concretizando o esforço de todo um trabalho de planejamento num documento que serviria de referência à sua atuação no Semiárido até 2011. O Plano define nesta ordem: a missão do instituto, sua visão de futuro e os valores e princípios que devem orientar sua organização; pensando o futuro, ele apresenta os cenários que possivelmente poderiam se descortinar para o Semiárido Brasileiro entre os anos de 2008 e 2017 e demarca o cenário que o instituto aposta e assume como referencial para os anos de 2008 a 2011 – chamado de “Cenário INSA”; depois, exhibe as funções do instituto, faz referência às metas de outros planos do governo federal as quais o plano do INSA se ajusta; e, por último, apresenta as suas prioridades estratégicas (meio ambiente e caatinga, recursos naturais, agroecossistemas e pecuária, agroindústria e energias alternativas e políticas de desenvolvimento social), cada uma com objetivos, linhas de ação e metas estabelecidas.

Foi um longo processo de construção coletiva, que contou com a participação de 65 Instituições e 1652 técnicos, especialistas e interessados na temática “Semi-árido”, em atividades que envolveram a elaboração de notas técnicas, consulta estruturada, oficinas de trabalho, reuniões temáticas, fóruns e seminários. Concomitantemente, foram feitas reuniões e visitas a instituições em todos os Estados da região, sob a organização e com a participação das respectivas Secretarias Estaduais de Ciência e Tecnologia. Os subsídios levantados deram corpo ao Plano Diretor da Instituição, que ora se torna uma realidade e sintetiza o pensamento e aspirações daqueles que participaram dessa construção (INSA, 2007: 7).

É um documento elaborado por pessoas, na sua maioria professores, pesquisadores e técnicos que ocupam posições socialmente reconhecidas junto a instituições (universidades, órgãos estaduais etc.). O INSA recorre ao saber especializado para construir um plano dentro dos “preceitos modernos de organização institucional” que concebesse um projeto de Semiárido para o Semiárido. Esse projeto

vai se justificando primeiramente quando se tem como referência um diagnóstico que precisa ser combatido, superado, invalidado e se possível esquecido:

Historicamente, a concepção de realidade que influenciou o imaginário técnico, econômico e social sobre a região, dentro e fora do Brasil, construiu e institucionalizou a imagem de uma região problemática, cheia de adversidades e, muitas vezes, vista como uma sobrecarga para as regiões ricas do país, condenadas a financiar a existência precária de uma região inviável... Portanto, tradicionalmente, a maioria das instituições, das políticas, dos planos e dos programas para o Semi-Árido brasileiro se limitam a propor 'soluções' para seus 'problemas', ignorando as suas potencialidades (INSA, 2007:15).

Fazendo forte alusão a um passado perverso, repositório de práticas que não souberam aproveitar as potencialidades da região para viabilizar o seu desenvolvimento, como ocorreu com outras regiões semiáridas do planeta; a um passado culpado pelo Semiárido que temos, com programas assistencialistas e políticas sociais compensatórias recorrentes e sempre convocadas em situações de calamidade social, com ausência de investimentos em projetos estruturantes e falta de infra-estrutura básica no âmbito do ensino, da pesquisa e em outras áreas, o INSA assumiu como missão o propósito de “viabilizar soluções interinstitucionais para desafios de articulação, pesquisa, formação, difusão e políticas para o desenvolvimento sustentável do Semiárido brasileiro, a partir de uma filosofia que assume a semiaridez como vantagem” (INSA, 2007: 21). É uma filosofia a partir da qual se deseja mudar esse quadro possibilitando que o INSA se torne “uma fonte de conhecimento, inspiração e orientação para os atores institucionais, econômicos, sociais e políticos da região” (INSA, 2007: 8).

Com isso, O INSA pretendeu ser um descompasso no histórico da atuação governamental na região. Entendemos que ele é ao mesmo tempo continuidade e ruptura. Continuidade porque o seu surgimento está na linha histórica das ações empreendidas por outros governos quando, no passado, quiseram intervir na realidade regional com a criação de órgãos federais voltados ao combate as secas ou a promoção do desenvolvimento econômico. Depois da Inspeção Federal de Obras Contra a Seca, do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca e da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, o INSA está, portanto dentro de uma lógica que regionaliza/segrega a geografia nacional segundo critérios estabelecidos, e neste caso

segundo critérios morfoclimáticos¹, para viabilizar a intervenção do governo federal com uma ação mais direcionada por meio de órgãos de atuação em âmbito regional. A ruptura se encontra no âmbito da própria intervenção, no modo de ver e de pensar a região; conseqüentemente, nas questões que prioriza e no que (se) fundamentam as suas ações. E nisso o INSA marca a sua diferença.

Não há nenhuma referência explícita nesse documento que sinalize o fomento da produção de cordéis, pelo INSA, no período que o plano diretor cobre. Alguns indícios podem ser apontados apenas como elementos mais gerais, defendidos como valores assumidos pela instituição, a partir dos quais talvez se possa dizer que essa produção resulta, tendo em vista a estreita relação que o cordel e o *métier* dos poetas de cordel mantêm com o que se passou a chamar de cultura nordestina.

o INSA adotará o conceito de talento como valor cultural, consciente de que a imaginação crítica e criativa de seus profissionais é fundamental para construir uma nova visão para a realidade do Semi-Árido Brasileiro; o INSA propugnará pela valorização regional ‘do nosso’ e do que é do ‘Semi-Árido brasileiro’: usos, costumes, vivências experiências, ofícios, saberes, inovações, talentos e histórias locais (INSA, 2007:23).

Quando o documento foi apresentado à sociedade em território da Universidade Federal Rural de Pernambuco, quatro meses depois de ter sido finalizada a sua impressão, a direção do INSA expressou publicamente a ideia de produzir um cordel que apresentasse a instituição e sua perspectiva de convivência com o Semiárido – informação que consta na página de apresentação do cordel “O Paradigma das Oportunidades”, objeto de análise deste estudo:

Tivemos a feliz ideia de convidar o poeta popular Oliveira de Panelas, para apresentar a instituição, a partir da concepção de que é possível a convivência nesta região de forma digna e prazerosa. Nós acreditamos nas potencialidades do Semiárido Brasileiro, pois são inúmeras as possibilidades que seus recursos naturais dispõem. Portanto, devemos todos que vivemos nesta fabulosa região, fazer o esforço de construir um novo paradigma de desenvolvimento sustentável, inspirado em suas potencialidades, dentre elas a energia humana inesgotável e inquebrantável de sua gente. Assim, ninguém melhor do que Oliveira de Panelas, cantador de reconhecida competência, para agora em prosa e versos contar o passado recente, o presente e o futuro do INSA (O PARADIGMA DAS OPORTUNIDADES, s/d: 1).

¹ Três critérios foram considerados pelo Grupo de Trabalho Interinstitucional para a delimitação do novo Semiárido Brasileiro: I. precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros; II. Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período entre 1961e 1990; e III. risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990. Cf. Ministério da Integração Nacional. *Nova Delimitação do Semi-Árido Brasileiro*. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br/desenvolvimentoregional/publicacoes/delimitacao.asp>, acessado em 15/06/11.

Visivelmente a elaboração do conteúdo desse cordel teve como referência o texto que constitui o primeiro Plano Diretor do INSA. Em maio de 2010, esse folheto chegou às mãos de centenas de congressistas, a maioria educadores, que participavam do I Seminário Nacional sobre Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, realizado na cidade de Campina Grande-PB. Razão pela qual chegamos a tomar conhecimento dessa produção ligada a uma instituição que representa as intenções do governo federal para a região, assinada por alguém reconhecido dentre os escritores e cantadores brasileiros ditos populares – Oliveira de Panelas – e, popular também por sua materialidade. Ele passou a integrar a pasta institucional – junto de uma versão impressa do Plano diretor, de um folder institucional, entre outros –, disponibilizada aos visitantes, participantes de eventos que contaram com o apoio do INSA e demais interessados em conhecer a instituição.

Na capa, às primeiras palavras que anunciam a sua vinculação institucional segue o título: “O Paradigma das oportunidades”. Logo abaixo, uma xilogravura – técnica de ilustração bastante utilizada na edição de cordéis no Brasil desde o final da primeira metade do século XX² – apresenta dentro de uma moldura retangular de traços imperfeitos, sob a orientação retrato como diriam os nossos programas de formatação de página contemporâneos, a imagem de um indivíduo sobre um cavalo, cujas patas dianteiras aparecem levantadas, com a mão esquerda a segurar as rédeas e a outra mão a agarrar o pescoço do animal braceiro como que numa tentativa de se manter firme sobre ele face aquele movimento sinuoso. A imagem concentra-se na região centro-direita da

² Segundo a historiadora Rosilene Alves de Melo, não era comum, no início do século XX, o uso de xilogravuras na ilustração de folhetos, embora estas já fossem utilizadas em alguns jornais desse período na ilustração de alguns de seus artigos. Ela cita, por exemplo, o estudo de Cid Augusto da Escócia Rosado que mostra na edição de 26/2/1904 do Jornal *O Mossoroense* uma xilogravura ilustrando o artigo sobre a seca no Rio Grande do Norte; e lembra o Jornal *O Rebate*, que circulou em Juazeiro do Norte – CE entre 1909 e 1911, também fazendo esse uso. A xilogravura teria sido utilizada inicialmente por jornais de cidades do interior que não tinham condições financeiras de empregar o clichê e a litogravura, por causa do alto custo dessas técnicas. O emprego da xilogravura como técnica de ilustração das capas dos cordéis aparece como possibilidade de reduzir os custos da produção e de tornar mais veloz a distribuição dos folhetos, uma vez que não era preciso mais encomendar as capas em grandes centros, como Recife por exemplo, e se dispunha com facilidade da madeira necessária ao emprego da técnica. A historiadora afirma também que: “a xilogravura enquanto atividade artesanal associou-se ao folheto de uma forma polêmica. Muitas controvérsias se criaram em torno das capas dos folhetos, pois enquanto os leitores preferiam as capas em clichê e, mais tarde em policromia, os estudiosos e colecionadores consideravam a xilogravura uma solução estética artesanal, rústica, mais expressiva das narrativas sobre a seca, o cangaço, a vida no Sertão”. Cf. MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 110-111.

moldura ocultando a parte traseira do animal. É como se o indivíduo sobre o cavalo adentrasse a moldura e tivesse ali a sua imagem congelada. O animal aparece com uma armadura em tons de cinza que enquanto ornamento confere-lhe certa ostentação, um encanto peculiar, uma beleza apreciável. O indivíduo aparece com um chapéu também em tons de cinza de onde partem do lado direito e esquerdo, tiras ou cordões que tocam-lhe o rosto e se encontram abaixo do queixo como que para fixar o objeto a cabeça; ele veste calças e uma camisa de mangas compridas evidenciando um bolso em seu lado esquerdo, e também usa sapatos. Compondo a paisagem vêm-se, na parte superior, contornos do que parece ser uma árvore e, na parte inferior, a ilustração do que o nosso arquivo de imagens nos leva a afirmar ser um cacto seguido abaixo de linhas curvas que se encontrando com a linha inferior da moldura formam uma figura da qual se pode ter impressões diversas (seria um chão? uma rocha? um poço?).

A imagem do homem sobre o cavalo lembra a de um santo popular, aclamado como santo guerreiro, homem forte e destemido, expressão de afirmação da fé cristã e da resistência aos perseguidores do cristianismo, mártir protetor do cristão em todas as suas batalhas – é como falam de São Jorge em nosso tempo. Não há como negar as semelhanças, por mais que sejam meras coincidências. Se estivéssemos querendo fazer aparecer uma conversa não manifestada no nível do próprio discurso talvez disséssemos numa tentativa por analogia que o homem é o guerreiro – expressão de força -, e o cacto é a caatinga – o dragão a ser combatido.

O que se apresenta como ilustração nesta capa não é algo estranho a todo olhar; constitui-se de traços e curvas que desenharam uma paisagem familiar: aquele indivíduo sobre o cavalo, aquele chapéu, aquele cacto compõem também o quadro de outras imagens usadas, em outros momentos, em outros discursos, para afirmar um perfil, uma identidade capaz de recolher em si mesma traços essenciais do homem sertanejo da caatinga e que reaparecem aí para participar da singularidade desse acontecimento que é o próprio cordel – cheio de tantos outros acontecimentos que nele são narrados, se cruzam e se excluem. Reaparecem aí para fazer lembrar não mais a resistência, mas a convivência do homem com o meio. Eis o acontecimento de sua volta! Eis o novo! O folheto não traz nenhuma referência à “autoria” da xilogravura que ilustra a capa. Mas não foi preciso ir muito longe para descobri-la: o desenho que aparece na terceira página

do primeiro plano diretor do Instituto Nacional do Semiárido foi feito a partir dessa xilogravura e evidencia “O vaqueiro do Sertão” de J. Borges³.

Concordamos que “as imagens são produzidas de maneira deliberada, calculada, para certos efeitos sociais” (AUMONT, 1995: 197), mas acreditamos que essa produção obedece a certa ordem discursiva em que desejo e poder se articulam estabelecendo as regras que orientam/determinam os moldes da deliberação e do cálculo; regras que definem, por exemplo, o que pode ser dito, e aceito como verdade, sobre o homem sertanejo num dado momento da história. Nessa perspectiva, não pensamos a maneira que as imagens são produzidas como fruto de uma consciência constituinte, mas situada no conjunto de regras historicamente estabelecidas, entenda-se um conjunto de relações, que a torna possível.

Nessa análise histórica do discurso da convivência não se pretende negar a existência do indivíduo que escreve ou profere a palavra, ou daquele que produz a imagem. Foucault alerta para que não se confunda o autor da formulação com o sujeito do enunciado considerando que este último é sempre “uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2008: 130) e aquele não é “causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase” (FOUCAULT, 2008: 107), ou da articulação de uma imagem. A condição de sujeito está submetida aos conjuntos de regras, um jogo de relações, que permitem as escolhas, os recortes, as transformações nos diferentes tipos de enunciação, nos conceitos e nas escolhas temáticas e que podem fazer diferentes indivíduos ocuparem lugares distintos ou o mesmo lugar na ordem do discurso. A questão que se coloca é sob que condições um indivíduo pode exercer a função de sujeito em um campo que o legitima como sujeito e sujeito de alguma coisa. Isso nos leva a abandonar o tema de um sujeito originário e a analisar o sujeito como “uma função variável do discurso”⁴.

Não se trata, pois, de uma análise para descrever um referente, para afirmar a existência de uma consciência constituinte responsável pela formulação do discurso ou para falar de uma visão de mundo expressa em palavras, da mentalidade de um povo ou

³ Ver: Instituto Nacional do Semiárido. *Plano Diretor do INSA: 2008-2011: Planejamento Estratégico do INSA*. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2007, p.3

⁴ Ver: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. In: Ditos e escritos, vol.III. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

de uma época: “não se volta ao aquém do discurso – lá onde nada foi dito e onde as coisas apenas despontam sob uma luminosidade cinzenta... tenta-se ficar no nível do próprio discurso” (FOUCAULT, 2008: 54). Não estamos atrás do que poderia ter sido dito, nem de dizer como teria sido se as palavras de uma enunciação fossem outras; não buscamos descrever um ato fundador advindo de um sujeito consciente nem pretendemos assinalar um vínculo entre as palavras e as coisas, entre o discurso e uma realidade distante da qual poderia estar falando.

Queremos mostrar então as batalhas travadas no interior do discurso da convivência, os caminhos muitas vezes sinuosos de sua formação; apresentar os espaços de liberdade, as proibições, os silenciamentos e as reivindicações que eles produzem; determinar as condições de existência dos diferentes enunciados, dispersos no tempo, que o constituem, bem como seus limites e a relação que mantém com outros enunciados; mostrar “por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar” (FOUCAULT, 2008: 31).

O folheto que analisamos é composto por várias narrativas em que passado, presente e futuro, na maneira como são descritos, atestam o descaso, a mudança e a prosperidade no Semiárido Brasileiro, respectivamente. O ponto de partida é o presente e a partir dele as palavras são agenciadas para fazer recordar um passado infeliz e para fazer pensar um futuro promissor para a região. O passado serve, em certo sentido, para justificar o presente. E o futuro deve ser como prolongamento do presente que traz a mudança, a continuidade de seu progresso. O nascimento do INSA é apresentado como um marco, um divisor de águas, porque ele é o arauto da mudança, o portador do paradigma das oportunidades. As primeiras estrofes em sextilhas, narram o surgimento do “Instituto do Sertão”. As estrofes seguintes exaltam as vantagens do Semiárido Brasileiro, assinalam a sua especificidade dentre as outras regiões semiáridas do mundo, suas potencialidades naturais, a força e a fé de seu povo, as belezas de uma geografia que é o lugar de muita gente. Nessa paisagem encantadora faltava o INSA:

Sabemos, mais da metade
Das terras continentais,

São áridas, são semiáridas, Mas algo nos satisfaz, Dos semiáridos do mundo O nosso é quem vale mais Nossa fonte de riquezas Do normal vai muito além, Vendo as adversidades Que nosso sertão contém, Tem o nosso Semiárido Vantagens que outros não tem.	É um reino de beleza! Sem dúvida um tesouro infindo Das mãos da mãe natureza. (...) Temos babaçu e sal Petróleo e água à vontade! Cachaça, caju, castanha... Uma enorme infinidade de riquezas naturais Na biodiversidade.	Jamais cabem numa síntese As vantagens do sertão: O sol para a fotossíntese Água pra germinação, Além da fé do povo Força e determinação. A maior vantagem É o talento sertanejo, Pela sua persistência Coragem, luta, traquejo... Pra conviver com a seca Povo mais sábio não vejo.
Nosso semiárido é rico Não é charco, nem abismo. As belezas do sertão Como fonte de turismo, Dá impulso a região Com seu novo dinamismo.	Vantagens que geram vidas Na região tem demais, Um riquíssimo ecossistema Seus recursos naturais, Água, sol, vento e petróleo Junto às fontes minerais.	Na certa o lugar mais lindo É esse que nós vivemos, Estava faltando o INSA Porém agora nós temos, Num semiárido de ouro É isso o que merecemos
Se observarmos direito A nossa imensa riqueza; A nossa diversidade		

Esse “Sertão bom danado!” não se parece com aquele descrito tão minuciosamente e em tantas páginas por Euclides da Cunha no início do século XX, exceto quando se refere à força do sertanejo. O homem sertanejo é “desgracioso, desengonçado, torto, reflete a preguiça invencível em tudo, falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas”, mas é, “antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2004: 146) – esse talvez tenha sido o enunciado mais presente nos discursos que dizem/sintetizam/esteriotipam o sertanejo. Euclides falava de um sertão inóspito, do traço melancólico de suas paisagens, da impressão dolorosa de atravessar trechos ignotos de sua geografia. Mas, também falou do paraíso em que este mesmo sertão se transforma quando vêm as chuvas: “ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente da caatinga... sucedem-se manhãs sem par... [vislumbra-se] a exuberância da terra” (CUNHA, 2004: 82-83). De um modo geral sua narrativa se ocupou muito mais de descrever um sertão trágico do que de apresentar uma visão edênica desse lugar.

Nos versos acima, o que se percebe, é que as potencialidades do Semiárido se impõem de modo a reduzir em larga escala a possibilidade de impor a imagem pessimista que comumente se tem de lugares semiáridos a esse lugar que nos é

apresentado. O Semiárido do INSA não é uma paisagem desoladora; ele é dinâmico, rico em recursos naturais, um atrativo aos olhares dos turistas. O homem que nele habita é forte não porque resiste aos castigos da seca; mas porque é inteligente e capaz de conviver com ela. Mas, se é um sertão cheio de belas paisagens, de abundância de riquezas diversas, de todos o mais rico do mundo, de um povo cheio de fé e determinação, sábio e corajoso, por que a imposição da convivência? Por que a insistência num novo modo de ver e de dizer a região?

Está no passado a razão do atraso. No conjunto do que foi dito sobre a região, a expressão de um lugar cheio de hostilidades eclodiu mais forte; trataram-na durante muito tempo com uma nítida aversão. No passado chamaram a região de maldita, falaram de calamidades, mas não divulgaram as suas maravilhas, desenharam-na como uma paisagem desoladora enquanto roubavam dela as suas riquezas: é o que cantam os versos seguintes. Se o Semiárido é tão belo como na descrição que vimos anteriormente

Mas todos não pensam assim Nesta nossa região Já os colonizadores Que falavam do Sertão Diziam está pisando A “terra da maldição”	No corpo de nossas vítimas. Os sanguessugas de fora Montavam frios esquemas, Nos roubar era seu forte Saquear, era seus lemas, Levavam nossas riquezas Só divulgam os problemas.	Resolver esses chafurdos, Nas vãs promessas criaram Outros cruéis absurdos Desde o tempo do Império O refrão em tom maior Que se diz do meu Sertão Entre lágrimas e suor Como a Cantiga da Perua: “É de pior a pior”
Só se falava de seca De espinhos, de calor, Da fome e da pobreza Do cangaço, o seu horror, Da tristeza e da esmola Da assistência pra dor	Entre fome, peste e seca, Invasões, lutas, guerrilhas, Conflitos de toda sorte, Repressões e armadilhas Nunca foram divulgadas Do Sertão, as maravilhas.	D. Pedro II disse: Que na certa venderia, Todas jóias da Coroa E a seca resolveria; Nem resolveu nem vendeu Foi tudo demagogia.
Os predadores gulosos Vindos por rotas marítimas... Depenaram nossas minas, Nossas fortunas legítimas, Deixando marca de sangue	Os poderosos sabiam Mas se faziam de surdos; Ante as queixa prometiam	

Nessa narração o que é dito nem sempre obedece a uma linearidade cronológica. Fala-se da impressão dos colonizadores, e na estrofe seguinte vê-se uma referência ao cangaço. Depois volta-se para os colonizadores novamente. Na oitava estrofe, faz-se provavelmente uma alusão à práticas do período republicano e, em seguida, referência ao último imperador do Brasil. Várias temporalidades são cruzadas aí para contar em poucas linhas uma “História Ingrata”. E em todos os versos não se escondem as relações dessa experiência de escrita com o que se escreveu sobre esse passado; versos escritos por quem não esteve lá.

Ao “Santo” INSA está a incubência de desmentir o que foi dito sobre o Semiárido e de construí-lo com novos dizeres e com outras imagens. A voz que exalta a ação de um órgão governamental no e do Semiárido parece desconsiderar o ditado popular que diz: “Santo de casa não obra milagre”. Ou, então, quer mostrar que quando se trata do INSA é diferente.

O INSA vai desmentir
Tudo isso em boa hora,
Vamos confiar nos santos
Da terra que a gente mora,
Fujamos desses milagres
Feitos por “santos” de fora.

Esses “santos” marreteiros
Quando a nossa terra vêm,
Deixam um, carregam dez
Não dão dez, carregam cem,
Depois o pouco que deixam
findam levando também.

Livrai-nos Senhor, livrai-nos
Desses modelos globais,
Vamos crer em nossos santos
Que tem poderes demais,
Para viabilizarem
Os nossos sonhos locais.

O INSA é investido de um poder quase que miraculoso cuja ação é capaz de garantir o desenvolvimento mais apropriado para a região, de fazer acreditar numa mudança que aí se apresenta apenas como projeto. É quase que como um exercício de fé: acreditar no que não se vê; na mudança que só se antecipa no jogo das palavras e que, se mantém alguma relação com o mundo é porque outros a estabeleceram— afinal de contas o INSA dava nesse momento os seus primeiros passos. É uma maneira de fazer irromper o futuro que se quer construir no presente que o aguarda.

Se é retomado nesse folheto o que em outros discursos serviu para construir uma visão pessimista da região não é para revigorar a força desses discursos; mas para dizer que seu efeito de verdade não é mais eficiente, é para reduzir a sua força, para dizer que eles não servem mais, para excluí-los em favor de um outro efeito de verdade que se pretende obter com o discurso da convivência. A existência do INSA só se justifica no tempo em que se torna necessário, quase que como se não houvesse outra saída, um deslocamento no olhar, uma mudança de perspectiva capaz de revigorar a atuação do poder público na região e de revesti-la de credibilidade. O combate à seca como discurso e prática política e na maneira como era empreendido não pode ser bem-vindo,

no presente, pelos discursos que proclamam a convivência. Evidencia-se, pois, uma disputa do discurso em torno da verdade:

Há um combate ‘pela verdade’ ou, ao menos, em torno da verdade’ – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer ‘o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar’, mas o ‘conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder’; entendendo-se também que não se trata de um combate ‘em favor’ da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha (FOUCAULT, 1979: 7).

A convivência com o Semiárido desenhada nesse cordel é o paradigma da mudança que assume a semiaridez como vantagem e o desenvolvimento sustentável como caminho passível de ser percorrido; que une saber científico e saber popular e considera o talento e as potencialidades da região numa perspectiva que visa intervir para sepultar antigas práticas (o assistencialismo, as políticas compensatórias, as acepções que tomavam a açudagem e a irrigação como solução para o enfrentamento da seca), pôr fim a antigas situações (a subserviência do povo, o sertanejo visto como miserável sempre a precisar da política social do Estado) e soterrar as imagens de um lugar inóspito porque o Semiárido é cheio de vida: vida que estaria na riqueza de seus recursos naturais e na criatividade e inteligência do sertanejo.

O desafio do INSA

Pra o Semiárido é saudável:

Pelo desenvolvimento

Altamente sustentável;

Sai da “região problema”

Para a “região viável”.

(...)

O sertanejo renasce

Pela criatividade,

Lutar contra a seca é

uma impossibilidade,

porém conviver com ela

é uma realidade.

Com outra realidade

é grande a transformação

O INSA veio propor

Mudança pra região:

Junta o saber científico

Com o saber do sertão.

(...)

Prioridade estratégica

No INSA se faz presente,

Os recursos naturais

Caatinga, meio ambiente,

Todo agroecossistema

No semiárido da gente

Em cada linha de ação

Uma estratégia nos traz,

Políticas que desenvolvem

Os atores sociais,

A convivência com a seca

E outros desafios mais.

E armado com esse paradigma, com o INSA tomando as rédeas, estaria a possibilidade de mudar a história, de se construir um outro Semiárido, desenhado com outros traços e pintado com outras cores; o futuro estaria no próprio presente que faz do INSA e de seu paradigma um presente para o Semiárido.

Daqui a dois mil e onze
O INSA estará presente,
Mapeando, executando,
Plantando nova semente,
E a história do sertão
Mudará completamente

Supremas transformações
Com o INSA agora vêm,
Se o mundo cresce lá fora
Nós vamos crescer também,
Sem ser preciso pegar
A esmola de ninguém

(...)

Queremos na Nova Era
Com o INSA um mundo tranquilo,
O “Instituto do Sertão”
Com o seu melhor estilo,
O futuro já chegou
Só nos resta usufruí-lo.

Fala-se da importância de unir ONGs, Governo Federal, ciência e sociedade na construção de um futuro com nova mentalidade, mas não aparece nos versos desse cordel referência alguma a convivência com o Semiárido antes do INSA. É como se a partir dele se pudesse virar uma página e começar a escrever a história do Semiárido com outras tintas e com outras palavras. Mas é importante destacar que no limiar da década de 90 do século XX, lá quando o INSA ainda não existia, a contestação engendrada por diversos segmentos da sociedade civil organizada⁵ ao modelo de intervenção governamental no Semiárido Brasileiro ensejou a elaboração de uma nova compreensão desse espaço e de seus habitantes, deslocando-se do tradicional discurso do combate à seca para a concepção de convivência com a região, ancorada na reflexão de questões como: sustentabilidade, respeito à diversidade, solidariedade, coletividade, articulação em redes etc. E considera-se que a irrupção desse deslocamento em nível de

⁵ Federações estaduais, sindicatos, igrejas, associações, cooperativas de pequenos produtores e ONG's de assessoria e apoio.

discurso “*vem instituindo um redimensionamento de concepções, enunciados e dizeres sobre o que é ser Semiárido*” (FORTUNATO; MORERA NETO, 2008: p.3).

O surgimento de organizações não-governamentais que, nas duas últimas décadas, passaram a difundir uma compreensão da região pautada na idéia de convivência representa um marco fundamental para se entender os esforços que vem sendo feitos no sentido de construir novas dizibilidades e vizibilidades sobre o Nordeste/Semiárido. A idéia de convivência passou a ser difundida no seio de diversas instituições da sociedade civil como, por exemplo, o IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada) que se constituiu como entidade em 1990, a ASA (Articulação do Semiárido) criada em 1999 e a RESAB (Rede de Articulação do Semiárido Brasileiro).

O que se compreende por Semiárido Brasileiro é também uma construção dos discursos que o tomam como objeto. Bem mais que uma delimitação geográfica ou uma marca presente na natureza, o Semiárido Brasileiro é o conjunto do que efetivamente foi dito sobre ele, portanto é uma construção histórica dada nos modos de ver e de dizer que lhe atribuem uma existência e lhe dão sentido; é o lócus em que atuam forças políticas, econômicas e culturais constituindo uma multiplicidade de espaços regionais que necessariamente não se delimitam em termos geográficos; é o agrupamento das identidades dispersas da geografia e dos espaços regionais e dos sujeitos que aparecem “nos enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009: 35). E por isso, entendemos que esse cordel, ao lado de tantas outras materialidades, se constitui como espaço em que o discurso da convivência se perfila e trabalha na construção de compreensões que definem o Semiárido como região.

Este trabalho é apenas um primeiro esforço de diálogo com uma das fontes que compõem o corpus documental de nossa pesquisa de mestrado. Em nossa pesquisa estamos interrogando e problematizando os discursos da convivência com o Semiárido veiculados por meio da literatura de cordel e da música buscando apreender como se imprimem, através dos modos de dizer e de fazer que atravessam esses discursos, imagens e concepções sobre a região, seu povo e suas práticas culturais; bem como, até que ponto “o projeto de sociedade” anunciado no âmbito desses discursos redimensiona o lugar dos sujeitos sociais nas relações de poder/saber que eles vivenciam.

Podemos dizer que as produções materiais que tomamos como fontes em nossa pesquisa – os cordéis produzidos pela ASA (Articulação do Semiárido) e pelo INSA (Instituto Nacional do Semiárido), bem como o CD “Belo Sertão: A convivência com o Semiárido através da música” – integram culturas políticas historicamente produzidas e são provenientes de determinações histórico-culturais que instituem maneiras de ver e dizer o que é ser semiárido. Todo esse material impresso e de áudio não se oferece para ser lido e/ou escutado eminentemente como objeto de apreciação e deleite de leitores e ouvintes afeitos ao cordel e a música dita “nordestina”. Ele é instrumento que serve a discursos institucionais específicos assentados sob estratégias de comunicação meticulosamente elaboradas com vistas à promoção da convivência com o Semiárido e, conseqüentemente a autopromoção dessas instituições enquanto viabilizadoras dessa convivência. Há nele verdades que querem ser comunicadas, e cujo conteúdo se insinua não como objeto descartável, mas para ser apreendido, aceito e incorporado às vivências de determinados sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 2.ed.. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p.197. Coleção Ofício de arte e forma.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

FORTUNATO, M. L.; MOREIRA NETO, M. **Convivência com o Semiárido na Paraíba: políticas públicas, autonomia e desenvolvimento sustentável**. Projeto de Pesquisa PIBIC/CNPq/UFCEG, 2008. p. 3

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Verdade e Poder**. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p.7

_____. **O que é um autor**. In: *Ditos e escritos*, vol.III. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Instituto Nacional do Semiárido. **Plano Diretor do INSA: 2008-2011: Planejamento Estratégico do INSA**. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2007, p.3

Ministério da Integração Nacional. **Nova Delimitação do Semi-Árido Brasileiro**. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br/desenvolvimentoregional/publicacoes/delimitacao.asp>, acessado em 15/06/11.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 110-111

Instituto Nacional do Semiárido. **O Paradigma das Oportunidades**. (Poeta Oliveira de Panelas). s/d.